

CORPO, IDENTIDADE NACIONAL E DISSIDÊNCIA SEXUAL EM *UM DIA VOU ESCREVER SOBRE ESTE LUGAR*, DE BINYAVANGA WAINAINA

BODY, NATIONAL IDENTITY AND SEXUAL DISSIDENCE IN BINYAVANGA WAINAINA'S *UM DIA VOU ESCREVER SOBRE ESTE LUGAR*

Maria Gomes de Medeiros 1
Vanessa Riambau Pinheiro 2

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade 1
Federal da Paraíba. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3227055986106716>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3317-5125>.
E-mail: donamariamedeiros@gmail.com

Pós-doutora em Estudos Africanos pela Universidade de Lisboa. 2
Professora Adjunta da Universidade Federal da Paraíba (DLCV/PPGL).
Coordenadora do grupo de pesquisa GeÁfricas.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8345360905892527>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3137-2328>.
E-mail: vanessariambau@gmail.com

Resumo: O objetivo deste estudo é fazer uma análise acerca das construções imagéticas do corpo no livro *Um dia vou escrever sobre este lugar* (2018), do autor queniano Binyavanga Wainaina. O autor, reconhecido ativista da causa LGBTQI+, parte de memórias da infância e juventude para problematizar questões de dissidência sexual e de gênero. Observaremos, em nosso estudo, a forma como se estrutura essa identidade narrativa sob o signo da desconstrução dos padrões tradicionais de sexualidade. Para tanto, utilizaremos categorias do pensamento feminista pós-estruturalista, teóricos queer e dos estudos decoloniais, que irão nos oferecer subsídios teóricos para melhor empreendermos nossa investigação. Contaremos também com estudos de autores que se debruçaram sobre o campo de estudos da memória, biografia e escritas de si, por entendermos que estes gêneros precisam ser analisados de maneira a melhor respeitar as suas especificidades.

Palavras-chave: Literaturas Africanas. Identidade Nacional. Escritas de Si. Dissidências Sexuais. Dissidências de Gênero.

Abstract: The aim of this study is to analyze imagetic constructions of the body in Kenyan writer Binyavanga Wainaina's *Um dia vou escrever sobre este lugar* (2018). The author, a well-known LGBTQI+ activist, uses his childhood and adolescence memoirs to discuss issues of sexual and gender dissidence. We have observed, in our study, how this narrative identity is structured under the sign of deconstruction of traditional models of sexuality. For such, we have used categories from the post-structuralist feminist thought, and from queer and decolonial studies theoreticians' ideas, who provide us the necessary theoretical premises to further enhance our investigation. We have also counted with the help of authors dedicated to studies about memory, biography, and self-writings, since these literary genres need to be analyzed for a better knowledge of their specificities.

Keywords: African Literatures. National Identity. Self-writings. Sexual Dissidence. Gender Dissidence.

Introdução

Teresa de Lauretis (2019) escreveu que palavras, assim como as pessoas, atravessam fronteiras. O substantivo “fronteira” informa uma série de relações entre saberes e poderes que conformam corpos e territórios. Esta parece ser uma sentença pertinente para pensar acerca de *Um dia vou escrever sobre este lugar* (2018), do autor queniano Binyavanga Wainaina, tendo em vista que o autor cruza memórias de sua infância, adolescência e vida adulta à história contemporânea do Quênia e de outros países do continente africano.

Compreendemos o termo “fronteiras” para além de uma linha abissal¹ que delimita os territórios dos estados nações, forjados a partir do sistema de organização do mundo advindo do colonialismo. Buscamos alargar esta percepção para entender também os limites que o dispositivo da heteronormatividade estabeleceu como possibilidade de existir no mundo, através da sexualidade heterossexual e da identidade de gênero cis hegemônica como possibilidades únicas que tornam a humanidade dos sujeitos inteligíveis pelo conjunto das sociedades. Pois, conforme esmiuçado por Judith Butler em *Problemas de gênero* (2016), a mesma matriz cultural pela qual determinadas identidades sexuais e de gênero se tornam possível, impossibilita outras, fazendo-as parecer “meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas, precisamente por não se conformarem às normas da inteligibilidade cultural” (BUTLER, 2016, p. 44).

Dessa maneira, no presente artigo buscaremos analisar as memórias de Wainaina. Interessamo-nos compreender os processos narrativos que o autor utiliza para dar forma e coerência à sua identidade enquanto escritor queniano e homem homossexual, bem como sua incursão pela auto-representação corporal. Partimos do sentimento de reivindicação nacionalista que tomou conta deste país após o processo de independência - quando em 1963 o Quênia deixou de ser uma colônia do Reino Unido -, e do conflito vivido pelo próprio, em função de sua homossexualidade. Interessamo-nos, destarte, compreender de que forma a escrita de Wainaina desestabiliza noções patriarcais de corpo, gênero, sexualidade e território.

Falamos em empreendimentos narrativos por entender que o ato de construir narração da própria memória se realiza como um processo nebuloso e problemático, afinal, o eu narrado e o eu histórico entram em conflitos com agenciamentos interpessoais que estão fortemente alicerçados nas estruturas sociais que nos formam enquanto sujeitos.

O texto de Wainaina é marcado por rotas de fuga que confundem a descrição da realidade histórica, do tempo histórico e o processo de criação de uma temporalidade narrativa que possibilita que a construção de suas memórias; vejamos um excerto na obra onde o autor expressa um momento de conflito relativo ao foco narrativo:

Qual cara você escolhe para enfrentar o caos? Aquela construída do nada, expondo todo o seu passado, todas as cicatrizes? Ou aquela adotada, ligada a um certo jeito que você compreendeu que abrirá as portas para o mundo estratificado, lotado e protegido, e para o pedaço de papel que promete que você herdará a terra? (WAINAINA, 2018, p. 222).

Ecoando as palavras de Patrícia Porchat (2015), em seu artigo *Um corpo para Judith Butler*, “não se pode dizer que o corpo é sempre e totalmente construído. Os corpos carregam discursos e os discursos habitam os corpos” (PORCHAT, 2015, p. 43).

Entendemos que a construção poética do relato, bem como a construção das imagens corporais ao longo da narrativa, são resultados processuais de um modo de subjetivação próprio de uma pessoa que vive o conflito entre o seu desejo dissidente à normatividade de sua comunidade. Neste sentido, as menções às vivências e desejos *queer*² em África, no Quênia

1 Para uma concepção mais aguçada sobre as linhas abissais que organizam sistemas de funcionamento do mundo em função da lógica da colonialidade, ver o texto *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes*, do sociólogo de Coimbra, Boaventura de Sousa Santos. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78, Outubro 2007: 3-46

2 O estranhamento e a não assimilação do desejo que o escritor sente em toda narrativa leva-nos a refletir sobre

principalmente, presentes nas memórias de Binyavanga Wainaina, constituem um precioso contributo contra visões essencialistas que buscam contar uma história única e homogênea sobre a partilha de afetos e desejos neste continente.

Em seu texto para a coletânea *Queer African Reader*, Lyn Ossome, feminista e acadêmica queniana, escreveu sobre a necessidade de rompermos com os mitos sobre a exclusiva heterossexualidade dos africanos:

Um corpo crescente de pesquisas, ativismo e arte demonstrou completamente a falsidade do fato da exclusiva heterossexualidade dos africanos. Vale a pena, portanto, interrogar de que maneiras o rótulo elitista e ocidentalcêntrico é dirigido ao ativismo e aos ativistas *queer*. Ressaltando este lado do pensamento, Amory observa que a reticência da pesquisa sobre homossexualidade e o pânico heterossexual descarado sobre o tema são colocados em evidência pelo recorrente e insistente refrão: “Não existe homossexualidade na África”, frequentemente acompanhado pela acusação também insidiosa segundo a qual a homossexualidade é uma “perversão ocidental”, imposta ou adotada pelas populações africanas (OSSOME, 2018, p. 61).

Isso posto, faz-se importante destacar a centralidade que os eixos de território/ nação e corpo/sexualidade ocupam em nosso estudo. Por se tratar de um escritor inquieto com os processos de escrita e com a constituição de sua identidade de homem homossexual queniano, entendemos que o fazer literário de Wainaina desestabilizam as noções essencialistas de sexualidade e identidade nacional.

Compreender as nuances dos conflitos vividos pelo eu narrativo, enquanto escritor que anseia dar um relato de sua vida, de seu país e de sua comunidade, mas que se depara com estranhamentos e interdições que recaem sobre sua forma de viver e de sentir nos leva ao entendimento, conforme afirma Homi K. Bhabha em *O local da cultura* (2014), das múltiplas negociações que os sujeitos das diferenças estabelecem com sua cultura:

O que está em questão é a natureza performativa das identidades diferenciais: a regulação e negociação daqueles espaços que estão continuamente, contingencialmente, se abrindo, retraçando as fronteiras, expondo os limites de qualquer alegação de um signo singular ou autônomo de diferença – seja ele classe, gênero ou raça (...). Trata-se de ...um futuro intersticial, que emerge no entre-meio entre as exigências do passado e as necessidades do presente (BHABHA, 2014, p. 356).

Ao observar os constantes descentramentos identitários do texto de Wainaina e sua angústia pela escritura de uma narrativa coerente sobre o seu povo e seu território, torna-se evidente, a partir das observações de Bhabha, que a descontinuidade das novas narrativas exige de nós um permanente rompimento com chaves de leituras essencialistas que relegam textos como estes aos lugares comuns das ciências sociais e teorias literárias eurocêntricas e paternalistas. Pois, conforme alertou Hall: “continuamos buscando a ‘identidade’ e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eu divididos numa unidade porque procuramos esse prazer fantasiado de plenitude” (HALL, 2019, p. 39).

Tendo em vista o caráter fragmentário e caótico que a identidade assume na narrativa estudada, preferimos trabalhar aqui com a posição adotada por Leonor Arfuch em *O Espaço Biográfico* (2010), que desenvolve o conceito de identidade narrativa como resultado do cru-

o devir queer desta narrativa. Teresa de Lauretis, ao cunhar o termo teoria queer nos anos oitenta como algo que significasse contestação social sobre as normatividades de sexo e gênero, buscava desenhar outro horizonte discursivo para pensar o aspecto sexual. Assim sendo, sempre que utilizarmos este termo, será se referindo às indeterminações do desejo e da sexualidade em relação ao referente heteronormativo.

zamento entre a temporalidade da narrativa e o tempo histórico, como podemos observar no seguinte trecho:

Esse “terceiro tempo”, produto do entrecruzamento da história e da ficção, dessa mútua imbricação dos relatos, encontra no conceito já aludido de identidade narrativa, que pode designar tanto um indivíduo quanto uma comunidade, um ponto de articulação. “Identidade” tem para Ricoeur o sentido de uma categoria da prática, supõe a resposta à pergunta “Quem fez tal ação? Quem foi o autor”; resposta que não pode ser senão narrativa, no sentido forte que lhe outorgou Hannah Arendt: responder quem supõe “contar a história de uma vida” (Ricoeur, 1985, p.442). O filósofo se propõe assim a se deslindar da “ilusão substancialista” de um sujeito “idêntico a si mesmo”. Essa ilusão aparece justamente, como vimos no primeiro capítulo, como um problema de inscrição da temporalidade no espaço autobiográfico: quem fala na instância atual do relato? Quem é o sujeito da história? Para Ricoeur, o dilema se resolve, como antecipamos, com a substituição de um “mesmo” (*idem*) por um “si mesmo” (*ipse*); sendo a diferença entre *idem* e *ipse* a que existe entre uma identidade substancial ou formal e a identidade narrativa, sujeita ao jogo reflexivo, ao devir da peripécia, aberta à mudança, à mutabilidade, mas sem perder de vista a coesão de uma vida. A temporalidade mediada pela trama se constitui, desse modo, tanto em condição de possibilidade do relato quanto em eixo modelizador da (própria) experiência (ARFUCH, 2010, p. 115).

O conceito de identidade narrativa nos parece bastante propício para o presente estudo, pois elucida no que diz respeito à construção narrativa estudada, visto que nosso objetivo é entender como o *ethos* e o desejo *queer* desestabilizam as formas tradicionais utilizadas no relato de si.

Processos de escrita e modos de subjetivação

Como já foi abordado anteriormente, a partir dos estudos de Stuart Hall (2019), a identidade cultural tem sofrido fortes deslocamentos advindos dos processos de globalização da cultura e de fatos importantes advindos de revoluções e levantes populares.

O sujeito do iluminismo, que confirmava sua existência a partir da racionalidade, ou o sujeito sociológico que se constitui através da ação revolucionária, historicamente tem cedido espaço para o *ethos* coletivo da pós-modernidade, quando as identidades estão em processo de fragmentação e transformação contínua.

Logo, podemos compreender quando a filósofa Judith Buler (2015) chega à conclusão de que, quando buscamos dar um relato de nós mesmos, este empreendimento acontece sempre em sintonia com as estruturas sociais que nos constituem enquanto sujeitos.

Mesmo que a sintonia aconteça de forma conflituosa, não existe um corpo ou uma subjetividade que preceda a formação discursiva que nos atinge a todos; ainda que estejamos em permanente conflito com as normas sociais que nos antecedem, a nossa condição de se tornar sujeitos depende de uma situação determinada historicamente e socialmente:

A injunção força o ato de criar a si mesmo ou engendrar a si mesmo, ou seja, ela não age de maneira unilateral ou determinística sobre o sujeito. Ela prepara o ambiente para a autocriação do sujeito, que sempre acontece em relação a um conjunto de normas impostas. A norma não produz o sujeito como seu efeito necessário, tampouco o sujeito é livre para

desprezar a norma que inaugura sua reflexividade; o sujeito luta invariavelmente com condições de vida que não poderia ter escolhido. Se nessa luta a capacidade de ação, ou melhor, a liberdade, funciona de alguma maneira, é dentro de um campo facilitador e limitador de restrições. Essa ação ética não é totalmente determinada nem radicalmente livre. Sua luta ou dilema primário devem ser produzidos por um mundo, mesmo que tenhamos de produzi-lo de alguma maneira (BUTLER, 2015, p. 31).

Este é um ponto crucial nas memórias de Wainaina: os padrões históricos que o escritor deve ou não seguir e os padrões narrativos que se desenvolvem processualmente por toda a narrativa. O percurso traçado pelo livro informa ao leitor sobre a busca por uma identidade própria da voz narrativa. Ainda que Wainaina use como pano de fundo toda a teia de cores e sentimentos que compõem o cenário tradicional da África Oriental, os conflitos internos sempre provocam desestabilização.

Um trecho que ilustra o processo de criação do autor é bastante elucidativo no que diz respeito ao processo de aproximação e distanciamento com o mundo e com as pessoas de sua comunidade. “Olho pra cima, confuso e com medo [...]; então recuo — por razões que desconheço — para olhar para baixo, para dentro da segurança dos livros; e levanto meus olhos novamente para as pessoas, e faço delas meu próprio tipo de padrão confuso” (WAINAINA, 2018, p. 184).

O lugar de leitor voraz se confunde com o escritor. A identidade narrativa de Wainaina e a construção das imagens de seu corpo surgem a partir do intenso processo de trocas entre o que o jovem escritor observa ao seu redor, os livros que lê e a curiosidade de apreender o mundo que não lhe é tangível imediatamente.

Já no primeiro capítulo este estranhamento com os padrões do mundo característico de sua escrita fica bastante evidente. Em uma cena onde Binyavanga, ainda criança, brinca com os irmãos Jimmy e Ciru, emergem *flashes* sobre a história recente do Quênia, que vive um período de estabilidade que contrasta com o momento vivenciado pela Uganda, país vizinho e o país de origem da mãe do escritor.

O trecho funciona como uma anunciação de um fio narrativo que se desenvolverá por toda a história, até os capítulos finais do livro. Sempre que Wainaina vivencia momentos em família ou em comunidade, estes precedem trechos nos quais o escritor, em solidão, se vê imerso em um fluxo de pensamentos. “O mundo vai se agitar inutilmente atrás de mim, como, como uma capa de super-herói [...]. O mundo são raios de luz ofuscante. Meu corpo se arrancando, como velcro, dos padrões dos outros” (WAINAINA, 2018, p. 15).

Ainda que a identidade narrativa do escritor nos aponte para uma busca por quebras de padrões e de individualização em meio a sociedade tradicional que vive, o relato se realiza de maneira a comunicar com um outro/leitor. Butler disserta sobre como as práticas de reconhecimento são frutos inevitáveis no processo de oferecer um relato de si mesmo, mesmo que o horizonte deste relato seja uma ruptura com o horizonte normativo prevalecente. “O horizonte normativo no qual eu vejo o outro e, com efeito, no qual o outro me vê, me escuta, me conhece e me reconhece também é alvo de uma abertura crítica” (BUTLER, 2015, p. 37)

O corpo não obedece completamente às normas que lhe são impostas. E a materialização das imagens resultantes deste conflito, são frutos de uma relação dialética que diz respeito tanto às intenções do sujeito quanto às normas sociais, o que deságua na ansiedade de particularização de si por meio da escrita. Como fica claro no seguinte momento da narrativa, “o mundo grande e confiante de som de corpo é unificador. Se minha mente e meu corpo se apressam, ficar para trás é uma crescente ansiedade de palavras” (WAINAINA, 2018, p. 69). O trecho citado é ilustrativo do processo de criação de si que o escritor assumiu, cujas imagens emergem de sua busca por assimilar o mundo a partir de sua identidade narrativa.

Identidade nacional e dissidência sexual: aproximações e interdições

Entendemos que muito do estranhamento que permeia a narrativa de Wainaina diz

respeito à descontinuidade com o sistema heteronormativo da sociedade queniana e africana como um todo. O rompimento com as normas patriarcais de gênero acaba por desestabilizar a própria noção de pessoa ou o pertencimento a um determinado lugar.

A este respeito, é importante entendermos como a sociedade queniana lida com as dissidências do sistema patriarcal e heteronormativo de sexo, gênero e sexualidade. Keguro Macharia, um intelectual e acadêmico *queer* queniano, atualmente vinculado à Universidade do Maryland (USA), escreveu um texto (2013) sobre a condição das minorias sexuais na lei e na política do Quênia.

Ao analisar os textos referentes a Lei sobre as Ofensas sexuais (2006), a Política Nacional sobre Cultura e Herança (2009) e a nova Constituição (2010), o intelectual chegou à conclusão de que a nação queniana ao buscar estabelecer a família heterossexual e monogâmica como única forma legítima de definição familiar, está negando a própria história cultural do Quênia:

Ao afirmar que “a fundação da sociedade queniana sempre foi a família”, (ênfase minha), este documento reescreve e apaga as histórias urbanas de prostituição do Quênia, histórias baseadas em classes incorporadas em sindicatos muito importantes do Quênia, coalizões multiétnicas que funcionam fora das estruturas baseadas em parentesco e das histórias violentas do colonialismo que forjaram unidades de grupos diferentes. Posicionando este princípio íntimo muito específico, a família heterossexual, como a forma central através da qual surgiu a “sociedade queniana”, apaga as formas inovadoras e criativas de afiliação que foram centrais na criação e construção do Quênia (MACHARIA, 2013, p. 119).

Essas formas essencialistas de perpetuar injustiças sociais contra minorias políticas correspondem a ideologia de estados nações que buscam estabilizar fronteiras entre determinados grupos de pessoas: aqueles que fazem parte do estado nação e goza dos privilégios legais, sociais e religiosos, e aqueles que são considerados apátridas. Para que haja “os humanos”, as “pessoas de bem”, bodes expiatórios precisam ser utilizados como exemplos negativos à norma vigente.

A respeito de como a norma heterossexual produz ou inviabiliza o status de humanidade para as pessoas sob o regime da heteronormatividade, Butler (2016), afirma que:

Em sendo a “identidade” assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de “pessoa” se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é “incoerente” ou “descontínuo”, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de gênero da inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas (BUTLER, 2016, p. 43).

A identidade narrativa do escritor é marcado por muitas interdições que dizem respeito a sexualidade dissidente. Em toda a narrativa, pouco lemos sobre a sua homossexualidade de forma explícita. No entanto, durante toda a história de suas lembranças, pinceladas não normativas no que diz respeito ao desejo e ao afeto *queer* se fazem presentes.

Uma cena emblemática na narrativa, que revela o quanto a construção imagética do corpo e desejo *queer* está permeada por interdições morais é na descrição da primeira ejaculação e na transição para a adolescência do escritor:

A ponta saliente do meu pinto dói, incha e coça contra minhas calças. Então trompetes de jazz liberam a pressão, e um calor maravilhoso se espalha pelas minhas cuecas, escorre pela minha coxa, para o veludo verde esponjoso debaixo do meu traseiro, uma corrente fluida e estável de som e líquido. Corro para encontrar Ciru e Jim, antes que mamãe descubra o que

fiz. Meus olhos estão fechados quando passo correndo pela sala de jantar (WAINAINA, 2018, p. 34).

Percebemos que a presença da mãe funciona como uma instância reguladora no que tange à interdição da sexualidade. A descrição da ejaculação é permeada de forte carga metafórica, bem como de significados escusos a respeito da sexualidade emergente, o que nos leva a pensar com Porchat, que “essas construções imaginárias, primeiramente das partes corporais e, em segundo lugar do Eu, são reguladas pelas proibições e pela dor” (PORCHAT, 2015, p.46).

Um dos únicos momentos do livro que o escritor faz menção abertamente sobre sua condição de homem homossexual, é o capítulo anexo intitulado Mãe, eu sou homossexual, que Wainaina considera como um “capítulo perdido” de suas memórias, publicado três anos após o livro original. No trecho, Binyavanga Wainaina reinventa como teriam sido os últimos momentos de vida de sua mãe se ele tivesse viajado até o Quênia para estar com ela e falar-lhe acerca de sua homossexualidade.

Neste capítulo anexo, evidenciam-se as interdições que foram impostas ao escritor, quando da vivência de seu desejo. O tom confessional e carregado de culpa marca a impossibilidade que as amarras de uma cultura patriarcal destinam para pessoas dissidentes:

Só cinco anos após a morte de minha mãe é que encontrei um homem que vai me massagear e me entregar um pouco de amor breve e pago. Em Earl's Court, Londres. E estarei livre, e contarei para meu melhor amigo, que me surpreenderá ao compreender, sem compreender. Direi a ele o que fiz, mas não que sou gay. Não consigo dizer a palavra gay até ter trinta e nove anos, quatro anos após aquele breve encontro de massagem, Hoje é 18 de janeiro de 2013, e tenho quarenta e três anos (WAINAINA, 2018, p. 303).

A desestabilização do padrão de gênero normativo pelos afetos e subjetividades *queer* revela o caráter farsesco da heteronormatividade. Pois, como Judith Butler (2019) nos tem alertado desde a década de oitenta, “o gênero é um ato que tem sido ensaiado como um roteiro que existe apesar dos atores que o interpretam, mas que precisa deles para ser atualizado e reproduzido continuamente como realidade” (BUTLER, 2019, p. 222).

Ainda que momentos de afirmação explícitas sobre sua homossexualidade no texto de Wainaina, como o citado acima, apenas tenham vindo fazer parte de suas memórias alguns anos depois, muitos excertos da obra remetem ao conflito com a sexualidade que a identidade narrativa do escritor nos apresenta, como por exemplo quando o escritor vai à uma oficina mecânica com o pai. O conhecimento de máquinas automobilísticas culturalmente foi atribuído aos homens, sendo as oficinas mecânicas junto com os bares, redutos da masculinidade hegemônica, onde homens se reúnem para conversar sobre a vida e assuntos específicos que não competem às mulheres. É justamente neste ambiente que o escritor relata um momento de estranhamento com o mundo masculino:

Estou parado assentindo, e homens amontoados debatem ao redor do meu pai.

— Sokasoba?

— Nããã. Os amortecedores estão funcionando.

— Esses pinjots antigos são muito bons. Três-zero-cinco. Si injeção? Assinto.

Não sei nada sobre Peugeotts antigos. Há coisas que homens precisam saber, e eu não quero saber essas coisas, mas quero me encaixar e os membros precisam saber sobre eixos de manivela e pontos e rãs e cálices sagrados viris e caudas de cachorrinhos. Coisas seculares às quais se agarrar. [...] Esfrego a mão nas ombreiras da minha jaqueta, emocionado com

suas promessas acolchoadas neste mundo barulhento. Eu sou diferente. Eu sou diferente (WAINAINA, 2018, p. 96-97).

Assim sendo, alguns investimentos performativos podem subverter as normatividades esperadas para as pessoas em sociedades heteronormativas. Alguns excertos específicos da narrativa desvelam estas formas normativas de ser homem ou mulher na sociedade queniana, como o destacado a seguir:

Ciru e eu invadimos o guarda-roupas da Mamãe. Coloco uma de suas perucas afro, batom, sapatos de salto alto cheios de papel higiênico. Peço que Ciru se fantasie também. Não, ela diz. Concordamos em fingir que sou sua prima americana. Coloco um pouco de pó na cara e espirramos. Um vestido midi brilhante. Fica longo em mim. Masco vários e vários cubos cor-de-rosa de chiclete Big G. Escalamos a árvore, Ciru e eu, a árvore que separa a nossa sebe da deles. Chamamos Sophia.

— Sophiaaaa — diz Ciru. Nós damos risada.

— *Sophiaaanh* — digo, com um americano.— *Sow-phiaaanh*.

Sophia aparece, solene, a cabeça virada para o lado, o rosto franzido, como uma pessoa séria como uma pessoa que sabe algo que nós não sabemos.

— Esta é a minha prima Sherry, dos Estados Unidos. Ela é uma Negra. diz Ciru.

— Haaangi. Wreng wreng — digo, como um americano, chiando pelo nariz, e sopro uma pequena bola de chiclete para fora da boca. Meus sapatos de salto alto estão prestes a cair. [...]

No dia seguinte, sophia conta para todos da turma que me vesti com as roupas de minha mãe e fingi ser uma americana. Eles se matam de rir (WAINAINA, 2018, p. 19).

Esta forma de ser homem que a identidade narrativa nos apresenta rompe com o esperado pela cultura dominante. O esforço performativo para construir um padrão de masculinidade para o seu corpo e o seu desejo - que corresponda aos anseios de mundo do escritor -, revela como os signos culturais de masculinidade e feminilidade são escritos no corpo por um esforço voluntário de cada pessoa diante das normas sociais e culturais de sua comunidade.

É neste sentido que Judith Butler (2019) fala que, como uma ação pública e ato performático, o gênero que o corpo irá assumir não é uma simples escolha individual, mas também não é um dado natural imutável.

O corpo não é passivamente marcado com códigos culturais, como se fosse um recipiente sem vida de relações culturais sagradas e preconcebidas. E nem o Eu atribuído de corpo pré-existente às convenções culturais que essencialmente significam esses corpos. Os atores estão sempre no palco, inseridos nas demarcações da performance. Assim como um roteiro pode ser interpretado de diferentes formas, e uma peça demanda texto e atuação, os corpos atribuídos de gênero atuam num espaço corporal culturalmente restrito e performam suas interpretações de acordo com diretrizes existentes (BUTLER, 2019, p. 223).

Isso posto, é importante termos em mente de que forma a subversão performativa dos estereótipos de gênero esbarra na identidade nacional: o enquadramento do que é ser um

cidadão queniano perpassa por noções de território, classe, sexo e de gênero. Esse fato justifica as constantes interdições na identidade narrativa de Wainaina. Keguro Macharia (2018) entende que:

Ideias importantes sobre o que significa ser queniano estão ancoradas em nossas histórias de negociações íntimas. Estamos constantemente criando e recriando a nós mesmos e ao Quênia através de nossas formas de afiliações e filiações íntimas. Nossas vidas íntimas inovadoras oferecem paradigmas de como a cultura e o patrimônio estão dinâmica e constantemente em evolução. Posicionar o casamento intranacional como instituições estáticas, pré ou antimodernas rouba os quenianos de paradigmas valiosos (MACHARIA, 2018, p. 120).

Consoante Macharia, suposições acerca da identidade queniana estão ancoradas em negociações íntimas e não são algo estático. O fato de Wainaina esbarrar em fronteiras sexuais dissidentes ao tentar construir um relato coerente sobre sua nacionalidade queniana, demanda que a identidade narrativa do escritor seja atravessada por arranjos culturais outros.

Tendo em vista os processos de colonização aos quais o povo queniano foi submetido, a busca por liberdade dos grilhões e da lógica ideológica da colonialidade é um horizonte que se torna ainda mais complexo quando pensamos nas populações *queer* deste país. Por isso, as alianças mobilizadoras entre sujeitos explorados e oprimidos não devem centrar-se em reivindicações identitárias estáticas.

Como nos alerta Butler (2016), ao fazer uma crítica da violência e dos enquadramentos de guerra nas sociedades contemporâneas, as alianças mobilizadoras devem ocorrer instigadas pelas críticas à violência arbitrária e “ao diferencial de poderes estabelecidos em virtude das noções prevaletentes de “cultura” e à instrumentalização das reivindicações de direitos para resistir a coerção e à emancipação” (BUTLER, 2016, p. 231).

Conclusão

Neste estudo, buscamos analisar alguns aspectos que concernem a expressão da dissidência sexual e de gênero na identidade narrativa do e construções imagéticas do corpo do escritor Binyavanga Wainaina, apresentada no livro *Um dia vou escrever sobre este lugar* (2013).

Entendemos que esta categoria de análise era pertinente, pois como nos apontam estudos recentes sobre biografia, escritas de si e memória (ANTONACCI, 2018; ARFUCH, 2010; KLINGER, 2006), diferentes nuances da diferença, que constituem identidades de sujeitos da diferença (mulheres, LGBT's, negros, sujeitos coloniais, etc), aparecem nas narrativas de si como negociações íntimas que questionam modos tradicionais de oferecer um relato de si e do mundo.

Primeiramente, buscamos entender como a escrita de si operava no sentido de funcionar como um modo de subjetivação na vida de Binyavanga Wainaina. Analisamos, portanto, o modo como a narração de suas memórias questionava os padrões culturais que a sociedade queniana lhe impôs e a forma como esses padrões, por vezes imiscuídos em lembranças afetuosas, significaram um conflito para a identidade narrativa estudada.

Notamos que a escrita era permeada por interdições no que diz respeito a vivência da sua sexualidade dissidente do padrão heteronormativo patriarcal, bem como em relação à identidade nacional de homem queniano do pós-independência. As marcas do patriarcalismo nos padrões culturais quenianos constituem um fator capaz de viabilizar ou não o pertencimento das pessoas ao *status* de sujeitos nacionais, sendo as pessoas dissidentes deste sistema fortemente alijados de direitos e proteção do estado.

As desconcertantes páginas de *Um dia vou escrever sobre este lugar* nos transportam para um emaranhado de histórias que denunciam velhas certezas e apontam para espaços culturais menos normativos. Nesse sentido, refletir acerca desta obra significa, também, problematizar acerca dos padrões sexuais heteronormativos vigentes em África, assim como reitera

a necessidade de amplitude deste diálogo, que esbarra em delicadas questões sócio-culturais concernentes à ontologia histórica de um povo. A partir de narrativas como a de Wainaina, podemos vislumbrar a possibilidade de formulação de novos paradigmas em África, fomentados a partir de seu local de fala.

Referências

ANTONACCI, Maria Antonieta. Memória e patrimônio em “arquivo vivo”. **Projeto História**, São Paulo, v. 62, Mai-Ago, pp. 80-110, 2018.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2015.

BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p.213-230.

DE LAURETIS, Teresa. Teoria *queer*, 20 anos depois: identidade, sexualidade e política. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p.397-410.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2019.

KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea**. Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. 2006.

MACHARIA, Keguro. O Quênia *Queer* na lei e na política. In: Caterina Rea, Clarisse Goulart, Paradis, Izzie Madalena Santos Amancio (org.). **Traduzindo a África queer**. 1ª edição/Salvador, BA: Editora Devires, 2018. p. 111-128

OSSOME, Lyn. Discursos pós-coloniais do ativismo *ete* de classe na África. In: Caterina Rea, Clarisse Goulart, Paradis, Izzie Madalena Santos Amancio (org.). **Traduzindo a África queer**. 1ª edição/Salvador, BA: Editora Devires, 2018. p.57-74.

PORCHAT, Patrícia. Um corpo para Judith Butler. In: **Periódicus**: Revista de estudos interdisciplinares em gêneros e sexualidades, Salvador, n. 3, v. 1, mai.-out. 2015, p.37-51.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano: crônicas da travessia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 78, Outubro 2007: 3-46

WAINAINA, Binyavanga. **Um dia vou escrever sobre este lugar**. São Paulo: Kapulana, 2018.

Recebido em 24 de março de 2021.

Aceito em 20 de agosto de 2021.